
“Lembranças de morrer”: representações da morte e dos mortos na estética romântica

Fabíola Santana¹ (UEMA)

No século XIX, os epitáfios eram utilizados como gênero do discurso literário. Chama-nos atenção, nesse caso, o deslocamento do lugar de enunciação desse tipo de prática para um outro domínio de discurso. O escapismo, a evasão da realidade foi uma atitude característica do discurso romântico, e vários foram os recursos dos quais se valeram os artistas desse período. Dentre eles, apresentamos o que interessa ao propósito desta pesquisa: a fuga na morte.

Na estética romântica, a morte não era vista como um fim, mas um início, a libertação do fardo material. Assim, na produção dessa estética literária, aquela atitude de angústia própria dos poetas desse período transformava-se em culto ao mórbido, em desejo de morte. O epitáfio, neste caso, é a forma genérica que remete, realiza materialmente a idéia de morte. Ele encarna, nesse domínio discursivo, uma elaboração ficcional da morte que traduz a ideologia romântica.

No Brasil, poetas como Gonçalves de Magalhães, Fagundes Varela, Castro Alves, Álvares de Azevedo elaboraram poemas cuja temática da morte era recorrente, utilizando o gênero epitáfio como forma de revelar sua atitude diante da morte e, em alguns casos, como forma de elaboração da perda.

Em seu poema intitulado *Lembrança de morrer*, Álvares de Azevedo (1999, pp. 189-190) cria o epitáfio que gostaria de ter sobre sua lápide que aponta para uma representação ligada à visão do mundo onírico e amoroso, ao *ethos* romântico dos poetas dessa estética.

(...)

¹ Profa. Doutora em Linguística da Universidade Estadual do Maranhão, Departamento de Letras/CECEN.

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
Foi poeta - sonhou - e amou na vida... (Grifo nosso)

Já o poeta Castro Alves (1995) escreveu o poema *Epitáfio* para expressar o sentimento de dor pela morte da mãe.

Epitáfio

Para um túmulo de mãe.

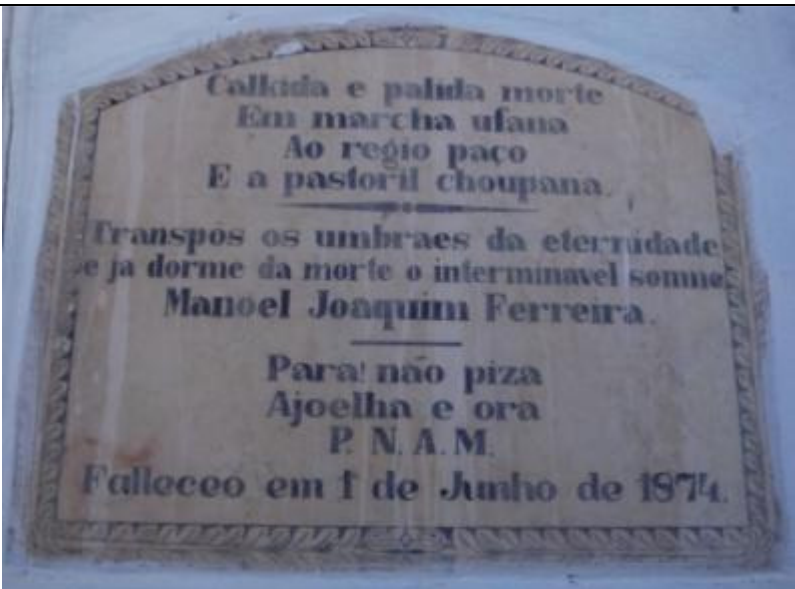
Como o orvalho das ramas do salgueiro
Resvala sobre a lápide do trilho,
Assim gotejam lágrimas de filho,
Ó Minha Mãe! sobre o sepulcro teu.
Mas como o sol nascente a gota enxuga
Que a noite derramou sobre os escolhos...
O anjo da Crença nos enxuga os olhos
E faz do pranto uma oração... no céu!

Nosso interesse em citar este uso do epitáfio em outro domínio de discurso advém, principalmente, devido ao fato de que, apesar de tratar-se de um discurso ficcional, o propósito retórico do gênero textual permanece o mesmo daquele operacionalizado na vida cotidiana². Evocamos, desta forma, Wolfgang Iser, em *O fictício e o imaginário* (1999, p. 66), quando diz que apesar de a ficção transgredir o mundo real e suas fronteiras, sempre envolve dois mundos – o real e o ficcional. Consoante com suas ideias, acreditamos que a ficção participa da constituição do real. Portanto, consideramos neste trabalho também o uso ficcional, o deslocamento do lugar de enunciação do epitáfio para a instância literária por entendermos que a

² Não queremos expandir as querelas teóricas acerca da concepção de vida cotidiana, realidade e ficção, pois não é propósito deste trabalho. Entretanto, como a vida cotidiana ou o *life world* [termo empregado por Bazerman (2005)], é usualmente associado às rotinas mundanas, (...), que sustentam e mantêm as estruturas de nossas vidas cotidianas, conforme o que explica Featherstone (1995, pp. 82-83), cremos na relação entre essas rotinas, essas atividades repetitivas diárias e os gêneros textuais. Ao considerarmos a noção de gênero como ação social tipificada e recorrente, concebemos também que são respostas repetidas em certos contextos de discursos que expressam convenções da linguagem em uso em uma dada circunstância da vida cotidiana.

essência de suas características retóricas continua a mesma, a saber, o conteúdo semântico, a ação pragmática, as realizações linguísticas.

Os gêneros literários (neste caso, os epitáfios apresentam-se como um poema fúnebre, uma forma de expressão do 'eu lírico' do poeta) não podem ser entendidos como funcionais e pragmáticos, não podem existir e operar sobre leitores e escritores da mesma forma que os outros gêneros da vida cotidiana? Baseando-nos em Devitt (2000), postulamos que sim. Os textos e os seus significados textuais quer sejam literários ou não literários não são objetivos e estáticos, mas dinâmicos e criados pela interação escritor, leitor e contexto. O uso do poema como uma das formas textuais de epitáfios é comprovado pela inscrição tumular do exemplo 01 do conjunto de textos coletados para nossa pesquisa, ilustrado a seguir.

	<p>Calkida e pálida morte</p> <p>Em marcha ufana</p> <p>Ao régio paço</p> <p>E a pastoril choupana</p> <p>Tranpôs os umbraes da eternidade</p> <p>E já dorme da morte o interminável somno.</p> <p>Manoel Joaquim Ferreira</p> <p>_____</p> <p>Para! Não piza</p> <p>Ajoelha e ora</p> <p>P.N.A.M</p> <p>Falleceo em 1º de Junho de 1874</p>
<p>Ex. 01 - SANTANA, Fabíola. 2009. Foto da lápide do osuário de Manoel Joaquim Ferreira, Capela Bom Jesus dos Navegantes - Igreja de Santo Antonio – São Luis/MA</p>	

Na criação de um poema, cujo gênero escolhido é um epitáfio, reconhecemos que essa escolha não é neutra nem puramente estilística, pois é moldada a partir dos objetivos do poeta para aquela produção, das necessidades do contexto situacional e cultural, da ação responsiva que ele deseja provocar no leitor, da emoção representada, das convenções socialmente usadas em dado contexto.

O apelo ao sentimentalismo exacerbado é assimilado na construção dos epitáfios nas lápides tumulares, sendo uma estratégia de expressão do luto.

Apesar de o epitáfio, algumas vezes, assumir a forma de poema, há no discurso sobre a morte três gêneros literários ligados às práticas mortuárias: a nênia, o treno e o epicédio, variantes da elegia, ou ainda, cânticos fúnebres.

No discurso literário, a elegia, segundo *Tratado de versificação*, Bilac et Passos (1905), p. 71), foi usada por poetas gregos (Calinos, Arquíloco, Simônides) e latinos (Tíbulo, Propércio, Ovídio) para indicar um canto triste, um lamento pela morte de um ente querido e tinha por finalidade estimular a reflexão sobre os sentimentos em relação à morte. Deriva-se da poesia épica, e por isso mantém certa afinidade com o aspecto narrativo desse outro gênero. Tem um caráter laudatório, moralizante, exortativo e sentencioso, “ou como diziam os gregos, gnômico: encerrava conceitos e máximas morais que visavam a fornecer aos ouvintes regras de bem servir e suportar os tranSES da fortuna.” (MOISÉS, 1992, p. 168). Era, na Roma Antiga, recitada em público.

A distinção desses três gêneros revelou-se muito tênue na bibliografia especializada que utilizamos para melhor caracterizá-los. Em comum, há a certeza de que são composições literárias de tema fúnebre que manifesta um lamento, uma forma de pranteamento de um ente querido, uma pessoa ilustre, usadas desde a Antiguidade Clássica. No *Tratado de versificação*, Bilac et Passos (1905) postulam a seguinte distinção entre esses gêneros do discurso literário, quanto ao uso na Roma Antiga:

a nenia era declamada ou cantada junto á fogueira, em que se incinerava o cadaver; o epitaphio era gravado sobre urn túmulo; e o epicedio era pronunciado na cerimonia dos funeraes, estando o corpo presente.

(...) a *nenia* e o *epicedio* são hoje elegias fúnebres, compostas para celebrar a memória ou lamentar a perda de pessoa ilustre e querida.

Os poemas fúnebres, como o epicédio, a nênia e o treno, funcionam, a exemplo de todos os outros gêneros ligados ao discurso sobre a morte e os mortos, como respostas humanas para a morte. São práticas textuais e sociais que representam o agir humano e sua tentativa de sublimar a frustração diante da mortalidade, do fim inevitável da vida ao produzir motivação para o enlutado superar a dor da perda, o luto.

Moisés (1992, p. 357) assevera que a nênia como uma variante da elegia, era um canto fúnebre, que já “na Roma Antiga, consistia numa ladainha plangente, executadas por carpideiras assalariadas, a algum morto ilustre, declamada ou cantada junto à fogueira, em que se incinerava o cadáver.” Sobre o epicédio, o autor adverte que esse gênero, entre os gregos, designava um canto triste “pronunciado na cerimônia dos funerais, estando o corpo presente.” Quanto ao treno, também era uma variante da elegia fúnebre muito usada pelos gregos.

Todavia, ao situarmos essas práticas sociais dentro da teoria dos gêneros e considerarmos o conteúdo semântico, a ação pragmática e a funcionalidade da nênia, do epicédio e do treno, podemos dizer que são categorias textuais do discurso sobre a morte, pertencentes ao domínio literário. Assim, o padrão esperado do conteúdo é o de ficção, associado semântica e pragmaticamente à meditação do poeta sobre a natureza precária e ilusória da vida. Embora as nênicas, como as publicadas em jornais do século XIX e XX, tenham uma motivação oriunda de uma morte real, sejam frutos de uma experiência pessoal genuinamente ocorrida na vida cotidiana de quem a produziu e, principalmente, apresentam-se como uma expressão poética de apoio a um enlutado. Sua função, neste caso em especial, é de manifestar publicamente a alguém que sofre a perda de um ente querido o conforto por intermédio da poética, da linguagem que atinge e foca de forma mais profunda a emoção e a sensibilidade humanas. No domínio discursivo ligado às práticas mortuárias, as nênicas jornalísticas (exemplo 02) são concebidas para uma audiência específica: enlutados. O exemplo 02 registra o “mui sentido passamento do Sr. Herculano Lergger” [...] “oferecido a seu presado irmão o sr. Ernesto Nolasco Leger pelo abaixo assignado”.

Maranhão.

Publicação a pedido.

AO MUI SENTIDO PASSAMENTO

DO SR. HERCULANO LEGER,

EM 15 DE ABRIL DE 1857.

Offerecido a seu presado irmão o sr. Ernesto Nolasco Leger pelo abaixo assignado

POESIA

Das aves eu senti o triste vôo,

E nos ares resôa já seu canto!

Dos clérigos eu senti o canto funebre:

Quanto d'Ernesto eu vi amargo pranto!

O' tu parca inhumana,

Como cortas, sem piedade,

No verdor da existência

Doces dias de mocidade;

Em negro manto envolvida

Levantas a fouce cruenta,

E sobre os dias de Herculano

A arremessas cruel, e sedenta!

Junto ao throno do Senhor

Elle está por nós orando;

Em quanto nós cá na terra

O estamos deplorando

Que dor não sente o mortal

Ante a morte e fouce alçada!

Mil pensamentos o turvão,

Vê a esperança cortada!

Para que, morte, tú roubaste

Em idade tão prematura

Esse exemplo de amizade,

Esse penhor da natura!

Triste silencio da morte

Paira sobre o tumulo seo,

Seus restos mortaes hi estão

Sua alma subio ao céu.

Maranhão, 20 de abril de 1857.

M.G. Lisboa

Ex. 02 – Nênia em homenagem a Ernesto Nolasco Leger.

Fonte: PUBLICADOR MARANHENSE, São Luis, ano 15, n. 91, col. 1, p. 3, 23 abr. 1857.

No século XIX, tornou-se bastante comum o uso dessas produções pelos poetas românticos. Algumas vezes eram apenas de caráter ficcional, outras, surgidas como formas da expressão de um luto real pela perda de um ente querido, como o poema criado por Fagundes Varela citado por Oliveira (1999, p.201) como exortação ao filho morto.

Cântico do calvário

*À memória de meu Filho
morto a 11 de dezembro de 1863*

Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, a inspiração, a pátria,
O porvir de teu pai! - Ah! no entanto,
Pomba, - varou-te a flecha do destino!

Quando as garças vierem do ocidente
Buscando um novo clima onde pausarem,
Não mais te embalarei sobre os joelhos,
Nem de teus olhos no cerúleo brilho
Acharei um consolo a meus tormentos!

Tornei-me o eco das tristezas todas
Que entre os homens achei! o lago escuro
Onde o clarão dos fogos da tormenta
Miram-se as larvas fúnebres do estrago!
Por toda a parte em que arrastei meu manto
Deixei um traço fundo de agonias!...

Ex. 03 – Nênia composta por Fagundes Varela.

O treno ou trenodia, como atesta Moisés (1992, p. 498), também é uma modalidade da elegia que, entre os gregos, designava as ladainhas ou cantos fúnebres, portanto, correspondia à nênia dos latinos, transmitida por tradição aos povos romanizados, e ao epicédio dos árcades e poetas românticos. Os três são considerados “poemas líricos de lamentação ou em memória dos mortos.”

Consideramos que esses gêneros apesar de transitarem em outras esferas discursivas podem também ser considerados práticas textuais usadas como formas de enfrentamento e superação do sentimento de luto, lamentos pela perda de um ente querido, configurando-se como lembranças dos mortos, uma memória social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BILAC, Olavo et PASSOS, Guimaraens.1905.**Tratado de versificação**. Rio de Janeiro: Editora eletrônica Ana Luiza Nunes, Paula Mendes Abelaira.

DEVITT, Amy. **Writing genre**. Carbondale, USA: Southern Illinois University Press, 2004.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 2: teoria da lírica e do drama**. São Paulo: Ática, 1995.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, modernismo e identidade**. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. Trad. Bluma Waddington Vilar. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). **Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de Oliveira. **Arte literária Portugal-Brasil**. São Paulo: Moderna, 1999. p. 201.

PUBLICADOR MARANHENSE, São Luis, ano 15, n. 91, col. 1, p. 3, 23 abr. 1857.